

**CIDADE DE ÉVORA**  
**Relação com o centro histórico e bairro da Malagueira.**

"Uma cidade é um organismo vivo, em constante mutação e fins variados, um conjunto de muitas funções criado por muitos de um modo relativamente rápido que tende a responder às necessidades do homem" <sup>1</sup>

Se desenharmos um mapa físico e mental da cidade de Évora, por diversas razões desenhámos um centro. A Praça do Giraldo que anteriormente, quando existia a cerca velha, teria sido o Rossio, um local de feiras e ponto de encontro social.

Com o crescimento da cidade, uma outra muralha veio abraçar de modo a proteger o aglomerado que havia crescido fora do primeiro perímetro amuralhado, aumentando assim a área da cidade. O centro acabou por se situar não no ponto mais alto nem no próprio centro do perímetro da cidade, mas sim donde convergem as principais ruas que se dirigem às saídas / entradas da cidade que rompem com a Muralha.

Esta designada como cerca nova, persiste em limitar o centro consolidado da cidade de Évora. Uma cidade ideal é aquela que concentra, e não distingue por zonas as suas funções, e que interage umas com as outras, sem destruir o interesse vital por actividades diferenciadas: "a cidade de Isfahan - escreve Blake-, a mais maravilhosa cidade de todas as cidades nunca ouviu falar de zoning, os seus habitantes trabalham onde vivem, fazem as suas compras onde trabalham, rezam onde brincam e entretêm-se onde trabalham."<sup>2</sup>

Uma intensidade urbana e movimento de fluxo de pessoas que subsiste e permanece na cidade.

A cidade de Évora é de origem Romana construída sob um plano de urbanismo orientado pelos eixos cardo decumano. Isto implicaria uma malha rígida e simétrica da cidade que actualmente estando no local não nos apercebemos desta simetria, devido à topografia. Não conseguimos alcançar o princípio e o fim da rua, mesmo que esta apresente uma continuidade. Tendo uma planta radial, circuncêntrica em anéis progressivos ramificados por ruelas estreitas perpendiculares às ruas principais que acompanham a topografia ascendente da cidade. O percurso da cidade é quase labiríntico, por linhas enviesadas e irregulares, sucessivas de curiosidade e descoberta que se desfazem em pequenas praças e esconderijos. Não podemos negar que uma linha recta possibilita uma orientação clara, mas também será possível orientarmo-nos em ruas onde curvas bem definidas que nunca saem da direcção principal, predominam. Somos conduzidos por emoções, sensações que o percurso nos presenteia, escolhemos ou não um caminho por diversas razões e muitas delas derivam do que sentimos e do que nos rodeia. Existem pontos de referência que psicologicamente nos indicam o caminho.

Esses são chamados "elementos marcantes" <sup>3</sup>, que funcionam como indicações. Estes elementos podem ser qualquer coisa que no nosso subconsciente nos marca e identifica um lugar, um acontecimento funda um lugar, um aroma àquela hora do dia, um som que só se houve naquele sítio, uma luz que se reflecte e intensifica a luminosidade da rua são características que se adaptam à nossa percepção, "...é um velho hábito nosso adaptarmo-nos ao meio ambiente, discriminar e organizar percentualmente tudo o que se apresenta aos nossos sentidos. A própria sobrevivência e o próprio domínio assentam nesta adaptação

sensorial...".<sup>4</sup>

Elementos simbólicos que resistem aos tempos e às mutações da própria cidade e que acabam por serem familiarizados pelo observador, ou contrastam com o envolvente onde está presente.

O percurso faz a imagem da cidade e a "...cidade é certamente de quem nela vive, de quem a usa e portanto, de quem a designa."<sup>5</sup>

Num percurso de ruas enviesadas existe um sentido de continuidade dado pela repetição de algum elemento perceptível nesse local. Por exemplo, o ritmo das ruas do centro Histórico dada pelos edifícios caiados, todos sensivelmente da mesma altura e tipologia.

Mas muitas vezes os percursos são interrompidos por alguns limites que se opõe na cidade, limites estes que podem ser físicos ou visuais. A muralha de Évora é um limite de grande impacto visual e que nesta situação a continuação acaba por ser interrompida.

Esta muralha é circundada por uma estrada de quatro faixas e rotundas de enorme escala que antecipam as principais entradas da cidade. Acabam assim por marcar o centro da cidade como uma ilha isolada por um fosso. Uma rua comprida com a sua ambiguidade de carácter tanto de limite como de via, pode penetrar numa região e assim traze-la aos nossos olhos, mas pode também, ao mesmo tempo, desmembrá-la. Isto é, por vezes o objectivo de ligação entre dois pontos acaba por afastar e dividir os dois espaços. (ver esquema)

Esta separação, torna-se mais evidente e real quando esta interligação intra e extra muralhas não acontecem devido à distinção de dois mundos distintos que neste caso não se complementam. O interior das muralhas que apesar de pertencer ao percurso pedonal acaba por ser invadido pelos veículos nas ruas estreitas que não foram desenhadas para tal. E o mundo extra muralhas definitivamente um carrossel de automóveis que impossibilita a continuação de um percurso pedonal.

"Uma rua é de facto algo que se dirige a um ponto" <sup>6</sup>, isto é, não interessa o destino mas sim o percorrer, quando esta se trata de uma rua sinuosa onde vão surgindo vários momentos "O homem caminha em linha recta porque tem um objectivo: sabe aonde vai, decidiu ir a um lugar e caminha em linha recta"<sup>7</sup>.



ESQUEMA GRÁFICO do centro histórico e circunvalação  
Uma ligação como a rotunda pode dividir e consequentemente afastar dois espaços (o centro e a periferia)

(1) LYNCH, Kevin ; *A imagem da cidade*; Edições 70,1960; pág.51  
(2) PORTUGUESI, Paolo; *Depois da arquitectura moderna; Arte e comunicação*, Edições 70; pág. 42  
(3) LYNCH, Kevin ; *A imagem da cidade*, Edições 70, 1960; pág. 81  
(4) *Ibidem*; pág.99  
(5) *Ibidem*; pág.29  
(7) Le Corbusier; *The city of tomorrow and its planning*; Dover, inc New York, 1887-1965; pág.31

Ao falarmos de uma cidade que vive principalmente de valores rurais e que é naturalmente invadida por este crescimento urbano, obviamente que esta separação criada, encontra-se nas próprias palavras “rua” e “estrada”.

A palavra “rua” implica a ligação entre dois pontos, dentro de uma densidade urbana, enquanto que a palavra “estrada” nos proporciona uma ligação entre territórios, especialmente nas cidade classificadas suburbanas.

“Até ao séc.XIX as estradas revelavam uma experiência rural, a estrada que me levava do campo à cidade”<sup>1</sup>

“O facto da rua ser um espaço contido, reconhecível e múltiplo, que a volumetria dos edifícios define e faz ondular, que as lojas ou portas de entrada nos pisos térreos encham-se de interesse, alegria e vida, um espaço ladeado de construção e árvores, anúncios, bandeiras, roupa a secar, carros parados, um espaço que os passeios bordejam e as pessoas percorrem, que as esplanadas ocupam e os grupos preenchem as ruas(...)”<sup>2</sup>, nada parece importar aos veículos.

As estradas com os seus limites bem definidos e o seu revestimento forte e estável para a passagem do veículo, afastam-se do centro para as periferias, autorizando assim outros centros secundários autónomos, abandonando o centro histórico.

Évora neste caso apresenta ter este paradoxo perto um do outro não conseguindo a interligação entre os dois universos paralelos. Acabando por fisicamente isolar o centro histórico do resto que complementa a cidade.

“O centro da cidade esvazia-se e degrada-se devido à construção de bairros periféricos, que se tornam em centros autónomos e auto-suficientes para quem os habita.”<sup>3</sup>

“A identidade centralizada, insiste numa essência, num ponto. A sua tragédia é dada em termos genéricos simples. À medida que se expande a esfera de influência, a área caracterizada pelo centro torna-se cada vez mais, diluindo irremediavelmente tanto à força como a autoridade do núcleo, inevitavelmente, a distância entre o centro e a circunferência aumenta até ao ponto de ruptura. Nesta perspectiva a descoberta recente e tardia da periferia como zona de valor potencial, uma espécie de condição pré-histórica que pode ser finalmente digna de atenção arquitectónica é apenas uma insistência dissimulada na prioridade e na dependência do centro: sem centro não há periferia. Conceptualmente órfã, a condição de periferia é agravada pelo facto da sua mãe continuar viva, roubando o espetáculo, enfatizando as insuficiências da sua descendência.”<sup>4</sup>

Os bairros afastados do centro não deveriam constituir um limite ou uma barreira em comunicação com o centro histórico, mas sim deverá haver continuidade e propiciar momentos entre ambos.

O Bairro torna-se por conseguinte um momento, um sector da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza constituído por partes e à sua imagem.

Na periferia existem edifícios que actuam como pontos dinâmicos e emergentes que contaminam positivamente o centro da cidade de Évora. Entre esses dois centros que equilibram a vida na cidade a proposta acontece para permitir a ligação de ambos.

“Comecei a estudar a grande vitalidade do bairro de Santa Maria, estimulada pela presença de pequenas actividades comerciais. As pessoas afastam-se de casa para ir buscar água às fontes, para irem à escola ou a outro bairro: assim com o correr do tempo deixaram no terreno o desenho dos percursos que lhes eram mais convenientes.”<sup>5</sup>

Houve a preocupação de criar uma ligação contínua e pedonal a que foi designada *Broadway* (designação dada pelas pessoas). Este eixo pedonal, possibilitou o acesso permeável aos jardins, escadas, contacto com os bairros vizinhos. Foi previsto um percurso pela quinta da Malagueira que acompanhava o laranjal e dava continuidade ao percurso pela faixa verde que acompanhava a linha de água. Houve também uma preocupação essencialmente social, em que esta estrutura consolidasse o contacto e ligação com a cidade (centro – histórico) e entre-bairros.

A Malagueira construída como um sistema, resulta de múltiplas condicionantes e consegue trazer simultaneamente a escala que mais se aproxima à cidade. Uma escala mais humana entre a cidade, arquitectura e pessoa, adquando-se ao modo rural da vida das pessoas. A relação que têm com as pré-existências no sítio prolongam-se agora para a cidade. O facto da maior parte do equipamento público proposto não ter sido construído, impossibilita uma maior ligação com o projecto proposto, na intenção de ser um eixo cultural de ligação entre o centro histórico e o bairro da Malagueira.

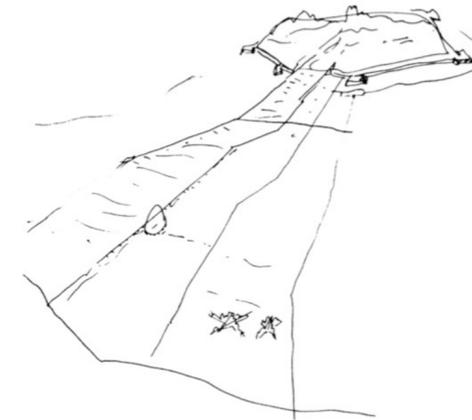


fig.01  
Esqueto à mão levantada de Siza Vieira  
Eixo que liga o centro ao Bairro.

“A Periferia é um desafio à cidade contemporânea, recorda àqueles que se iludem de poder fechar-se dentro das muralhas do centro que o próprio centro arrisca-se a desaparecer nos lugares onde as periferias se tornam uma ameaça.”<sup>6</sup>

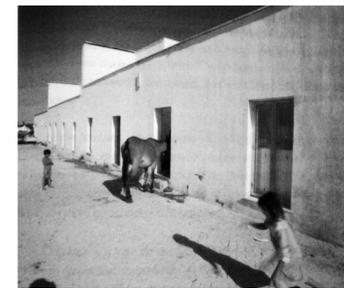


fig.02  
Foto na Malagueira  
Arquivo fotográfico CME, fotografia de José Manuel  
Rodrigues

(1) GRAÇA DIAS, Manuel; *Manual das cidades*; Coleção arquitectura, Relógio de água 2006; pág. 42  
(2) ROSSI, Aldo; *Arquitectura da cidade*; Edições Cosmos, Lisboa 2001; pág. 88  
(3) LYNCH, Kevin; *A imagem da cidade*; Edições 70, 1960; pág. 35  
(4) KOOLHAAS, Rem; *Tres textos sobre a cidade*; A cidade genérica; pág. 33  
(5) SIZA, Álvaro; *Imaginar a Evidência*; Edições 70, 1998; pág. 115  
(6) LA CELTA, Franco; *Contra a Arquitectura*; Edição Caleidoscópico 2011, pág. 85

PRAÇA DO GIRALDO - POSTIGO DOS PENEDOS - AVENIDA ENG. ARANTE DE OLIVEIRA - QUINTA DA MALAGUEIRA

1

PRAÇA DO GIRALDO - PORTA DE ALCONCHEL - AVENIDA DOS SALESIANOS - QUINTA DA MALAGUEIRA

2

PERCURSO A SER DESENVOLVIDO

PRAÇA DO GIRALDO - PORTA DO RAIMUNDO - AVENIDA TÚLIO ESPANCA - QUINTA DA MALAGUEIRA

3



O CAMPO DA CIDADE  
PERCURSO  
REPRESENTAÇÃO DO PERCURSO PEDONAL E DO SÍTIO A INTERVIR



O CAMPO DA CIDADE

PERCURSO FOTOGRÁFICO I PEDONAL  
CENTRO HISTÓRICO - BAIRRO DA MALAGUEIRA

**1 OSMOP Intra - muralhas Quinta das Palmeiras**

O percurso é contínuo desde a praça do Giraldo até entrar na Quinta da Palmeira que apoiava a antiga horta do concelho. A Porta em arco\* é novamente aberto para a continuação do percurso até encontrar a saída do jardim público.



**2 Zona do Raimundo - Intra muralhas JARDIM PÚBLICO**

Quem vem da praça do do mercado municipal encontra o jardim público que contorna a muralha a uma altura elevada afastada do movimento automóvel. A saída o jardim desemboca no fim da rua do Raimundo que está alinhado com a porta reaberta, permitindo continuidade do percurso, até à Porta do Raimundo e assim para o exterior da muralha.



**3 Extra muralhas zona do Raimundo**

A circulação faz a separação entre o interior e o exterior da muralha. Não permitindo assim, uma continuidade passiva.



**4 SITIO ESCOLHIDO PARA INTERVIR**

Um fragmento que a cidade esqueceu. Um local que cada um interpretou e deu a sua função. Entre a bomba de gasolina existente, as costas de um cemitério e uma avenida de quatro faixas e pré-existências rurais de uma antiga horta. Um parque de estacionamento atrás da bomba de gasolina. Espaço sobrando, sem uso e desperdiçado. Entre uma avenida bastante movimentada e o muro do cemitério.



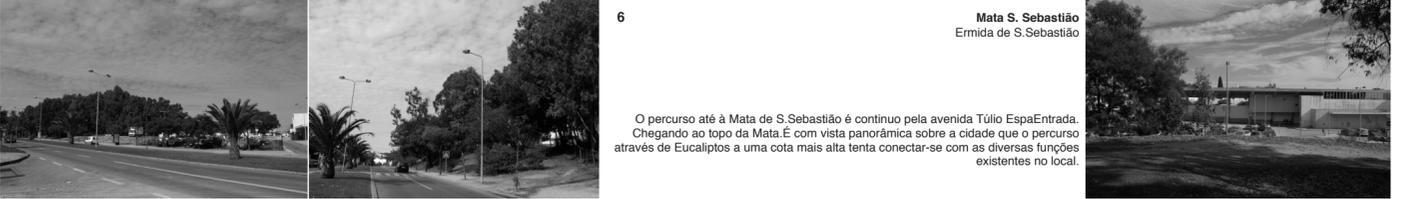
**5 Estação Rodoviária**

O percurso contorna o edifício da estação rodoviária e acede-se ao topo da mata de S. Sebastião.



**6 Mata S. Sebastião Ermida de S. Sebastião**

O percurso até à Mata de S. Sebastião é contínuo pela avenida Túlio Espal Entrada. Chegando ao topo da Mata. É com vista panorâmica sobre a cidade que o percurso através de Eucaliptos a uma cota mais alta tenta conectar-se com as diversas funções existentes no local.



**7 Chafariz das Bravas**

O percurso propicia o encontro do Chafariz das Bravas, o antigo lavadouro público datado de 1483. Aproveita-se as pré - existências do local como os muros, os tanques e as diferentes cotas, reestruturando a sua função e deste modo inserir uma função pública.



**8 MATA S. SEBASTIÃO**

Continuation of the path through the wooded area.



**10 BAIRRO DA MALAGUEIRA Quinta da malagueira**

O percurso finaliza-se no jardim desenhado pelo arquitecto Siza Vieira e arquitecto paisagista Gomes da Silva.

O percurso é contínuo, através de diferentes tipos de vegetação e de espaços verdes. Desde o jardim Municipal a uma cota superior, depois pelo percurso proposto, um espaço hortícola , passando pela mata de S. Sebastião, um espaço verde bastante densificado pelos eucaliptos situado novamente num ponto mais alto da cidade. Chegando à malagueira, um jardim amplo de múltiplas escolhas de percurso que possibilitam diferentes actividades e um palco para o cenário do Bairro da Malagueira.

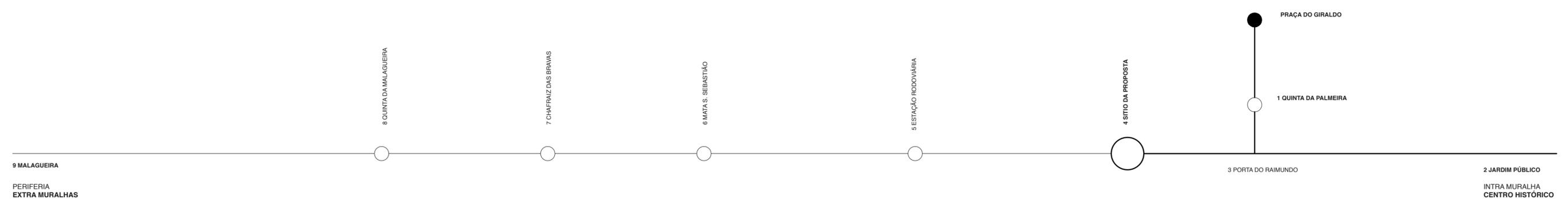
O projecto do bairro da Malagueira foi implantado na antiga propriedade da Quinta da Malagueira.

*"El terreno se va a construir el nuevo barrio es tipicamente rural: campos en suave declive, con alcorroques repartidos, y el jardín arbolado de la Quinta: El curso de agua del Turgeia, dos riachos irregulares de carácter torrencial cúmulos de rocas dispersas aquí y allá, murete, dos molinos abandonados, albercas y fuentes, un pozo con cisterna de cemento, un pequenõ puente de madera."*

Estas pré-existências serviram como referência no desenho do jardim urbano agora existente.



(1) MOLTENI, Enrico; Álvaro Siza, Bairro de la Malagueira Évora, Textos documentos d'arquitectura, Escola técnica Superior D'arquitectura del Vallé, Editions UPC, 1993.





Hortas de Sto. António, 2012  
Cerca de 80 talhões cedidos pela  
camara Municipal de Évora, destinado  
às pessoas produzirem os seus próprios  
alimentos.

Alguns quintas, locais de cultivos entre  
o limite da muralha (intra muros e extra  
muros) que foram desaparecendo ao  
longo do tempo devido à densidade  
urbana.

Quinta da Malagueira  
O bairro da Malagueira ocupa a  
propriedade da Quinta da  
Malagueira.

PERIFERIA

CENTRO HISTORICO



ESTRATÉGIA DE UM PERCURSO DE LIGAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO AO BAIRRO DA MALAGUEIRA

MALAGUEIRA

QUINTA DA MALAGUEIRA  
Jardim da Malagueira  
cota 10

Horta  
Pomares  
Choupos

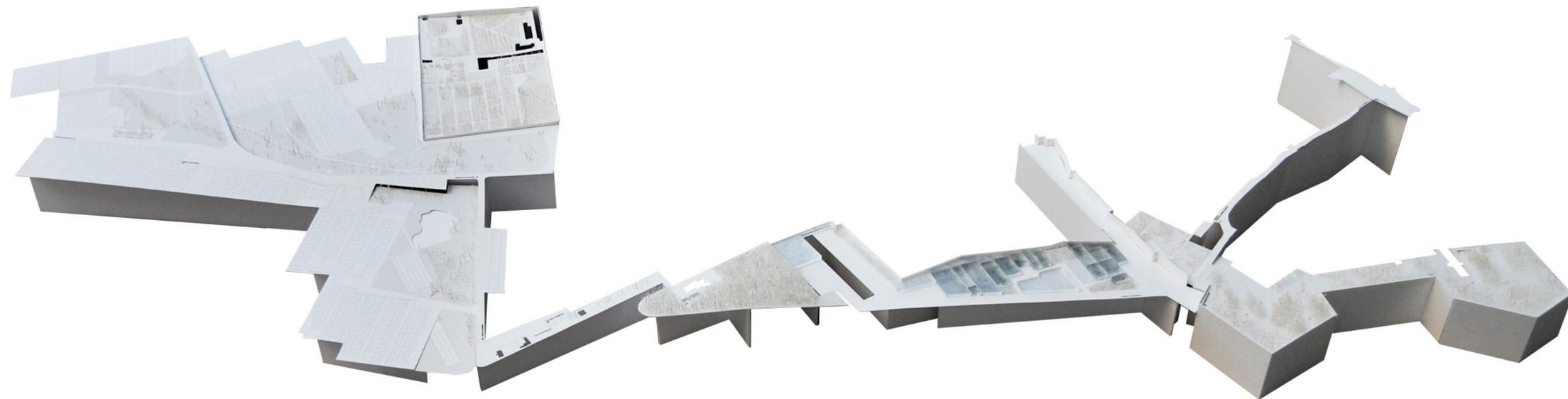
MATA DE S. SEBASTIÃO = Vegetação de grande porte:  
cota 10.00 Eucaliptos

PROPOSTA Hortas urbanas  
cota 6.00

JARDIM PÚBLICO  
cota 10.00  
275 Vegetação variada

Chafariz das Bravas  
cota 0.00

Rotunda  
Porta do Raimundo  
cota 0.00



#### VISTA AÉREA, A ESTEREOTOMIA RURAL

Quando olhamos de cima para este tipo de paisagem a nossa visão ganha uma outra percepção, torna-se numa visão global e contínua do sítio onde estamos envolvidos.

É uma visão impressionante para quem vê o mundo que conhece, distanciar-se cada vez mais. Podemos ver isso a acontecer no filme de nove minutos realizado por Charles e Ray Eames em 1977, o *"the power of ten"*, um curto documentário dividido em duas partes que aborda duas diferentes escalas e a sua percepção.

Na primeira parte a câmara afasta-se a uma distância que desaparece ao atingir o limite do Universo desconhecido. Na segunda parte acontece o mesmo mas a escala é reduzida gradualmente.

É isso que acontece ao absorvermos a paisagem quando estamos fora dela. Torna-se num simples jogo de composições geométricas e abstractas da qual a percepção deixa de ser reconhecível. Deixa de ser paisagem.

O conceito de terraço jardim ou cobertura ajardinada (o quinto-alçado), um dos cinco pontos designados por Le Corbusier, está associada a outro tipo de escala. Uma escala que apenas possibilita olhar de dentro para fora. Um lugar do qual podemos observar.

Sendo uma cobertura hortícola, com uma geometria muito própria de padrões regulares, de cores e tonalidades diversas, dadas pelos talhões de cultivos diferentes, delimitados pelos sistemas de rega que se elevam do solo, fazem lembrar as obras de Piet Mondrian. Conhecido pela sua arte característica de estruturas definidas pelos mesmos padrões geométricos, contornados com linhas pretas (que podem representar paredes, muros, calçadas), preenchidas com as cores primárias (vertente das teorias estéticas da Bauhaus).

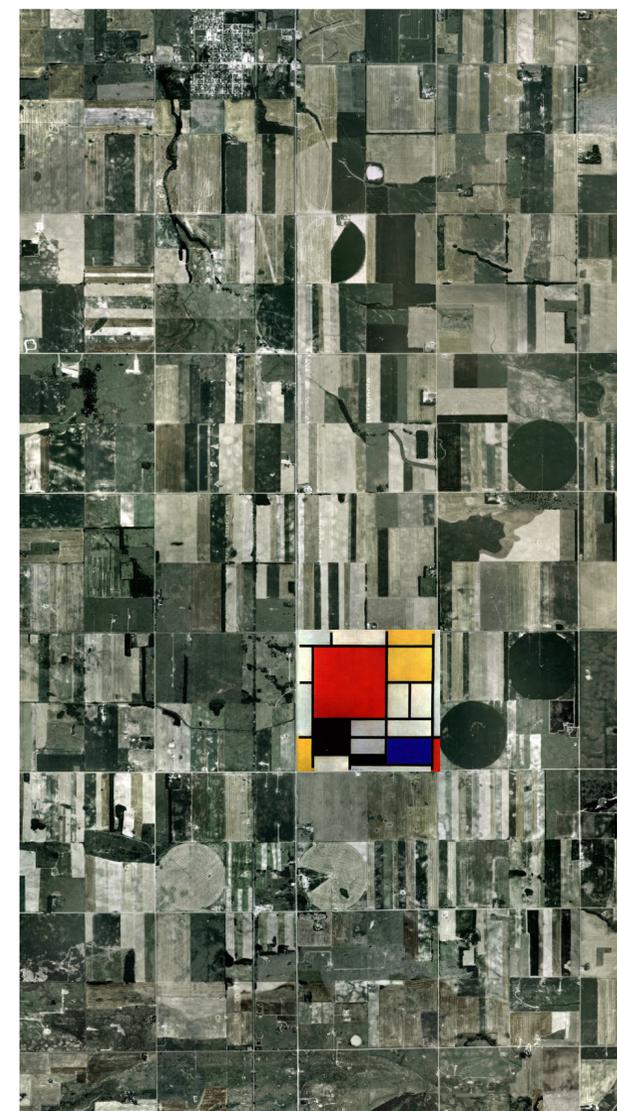
Representam de um modo abstracto mas equilibrado a vista aérea das paisagens agrícolas e das cidades organizadas sob uma malha rectangular, desenhadas por uma composição geometrica abstracta.

Enquanto olhamos para as obras de Mondrian esta representa um olhar bidimensional, estático, sem profundidade nem movimento, encontramos-nos fora da "moldura".

Esta vista não é uma fotografia, aqui encontramos-nos no local, vemos o que acontece não estando presente, mas vendo através e dentro da moldura.

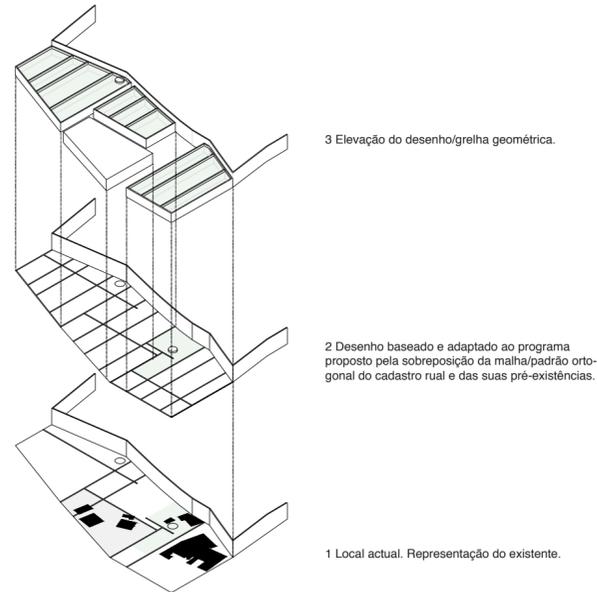
O edifício, visto de cima, exalta a sua arquitectura. Uma simples manta de retalhos identifica a paisagem de um programa cultural no duplo sentido da palavra.

De cima, a cobertura só pode ser considerada um objecto integrado na paisagem de carácter artificial, como refere Iñaki Abalos no livro "Naturaleza e artificio", em que a obra não tem um carácter gráfico a não ser visto de cima, quando o solo constitui um plano de um quadro ou uma moldura.



Fotomontagem  
vista aérea coordenadas 39°24' 14.31" N 98°14' 01.33" 455m  
com a tela de Piet Mondrian composição II in Red, Blue, and Yellow, 1930

ESQUEMA  
Estratégia proposta para o sítio



A regra ortogonal rígida, que cria o padrão dado pelos talhões horticolas definidos e limitados pelo sistema hidráulico, são como uma folha de papel milimétrico que pretende organizar o espaço.

Estas formas rectangulares rígidas do sítio dão simultaneamente lugar à arquitectura que se adapta a esse limite imposto.

As caleiras e muros são os únicos elementos inertes que delimitam estes espaços. É através do seu desenho que cidades e espaços de cultivo são construídos.

O modo mais característico do parcelamento cadastral romano foi o da centurição, especialmente adaptado aos campos de cultivo. A centurição dividia um território numa quadrícula ortogonal de parcelas rectangulares designadas por centurias. Cada centuria tinha dimensões constantes e separava-se das centurias vizinhas por "limites", caminhos rectilíneos e muros.

Pode-se ver estas premissas implementadas no pensamento do arquitecto Kisho Kurokawa um dos fundadores do movimento do metabolismo ( movimento radical que surge na mesma altura dos Team x do qual Kurokawa também faz parte através deste movimento "avant-garde" pretendiam emergir a arquitectura sem perder o contexto Asiático) projectou em 1960 um dos primeiros planos visionários de Kurokawa, a *Agricultural City*.

Esta surge naturalmente de um sistema em grelha quadriculada de 500m x 500m, de carácter unitário e contínuo. Cada quadrado desta malha representa uma habitação e(ou) espaços de cultivos próprios. Esta crescerá numa espécie de vivência múltipla e espontânea, que gradualmente trazem os princípios do conceito rural no desenvolvimento da cidade. Provavelmente seria uma cidade como a *Broadacre City*: "ela irá construir-se a si mesma ao saber do acaso (...) será algo que acontecerá espontaneamente" <sup>2</sup>

Esta representação de parcelamento do território já teria sido implementada nos Estados Unidos em 1785, por Thomas Jefferson. A *Land Ordinance* foi implementada com o intuito de parcelamento do território agrícola em parcelas iguais para serem vendidas. 1 acre equivale a uma parcela rectangular.(fig.02)

Como experiência em relação à estratégia que se pretende explorar, foram utilizadas vários elementos opostos entre si mas que juntos fazem sentido nesta proposta de utilizar uma regra/grelha a diferentes escalas.

O primeiro passo foi utilizar a planta de *Neue Nationalgalerie* (Mies van der Rohe, 1968, Berlim) (fig.01). A escolha desta teve haver com a simplicidade e rigor que se lê em todas as suas obras. Todos os projectos têm como base uma malha regular e ortogonal rígida onde os desenhos variam de escala, mas partem da mesma grelha. A regra está sempre presente desde o desenho do edifício ao desenho do pormenor.

Ampliando esta planta a uma escala territorial esta transforma-se numa matriz equivalente à grelha *land ordinance* (fig.02). Esta por sua vez, assenta perfeitamente num campo horticola e surge como uma teia de cheios de vazios, em que o próprio padrão reticulado dos campos de cultivo transformam-se numa estrutura construída e consolidada.

À medida que esta cresce (fig.04), dispersa-se, contronando os obstáculos aumentando o volume e por sua vez foge da estrutura regular. (fig.05)

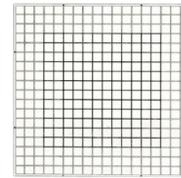


fig.01  
Mies Van Der Rohe 1958  
Planta da Neu National Gallery



fig.02  
Thomas Jefferson,  
Diagram of the *Land Ordinance*, 1784  
Regra de um ACRE = HECTARE



fig.03  
Regra implementada na planta de  
*Broadacre City*



fig.04  
Kisho Kurakawa  
*Agricultural City*

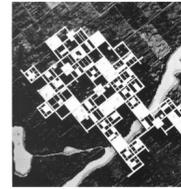


fig.05  
Kisho Kurakawa  
*Agricultural City*

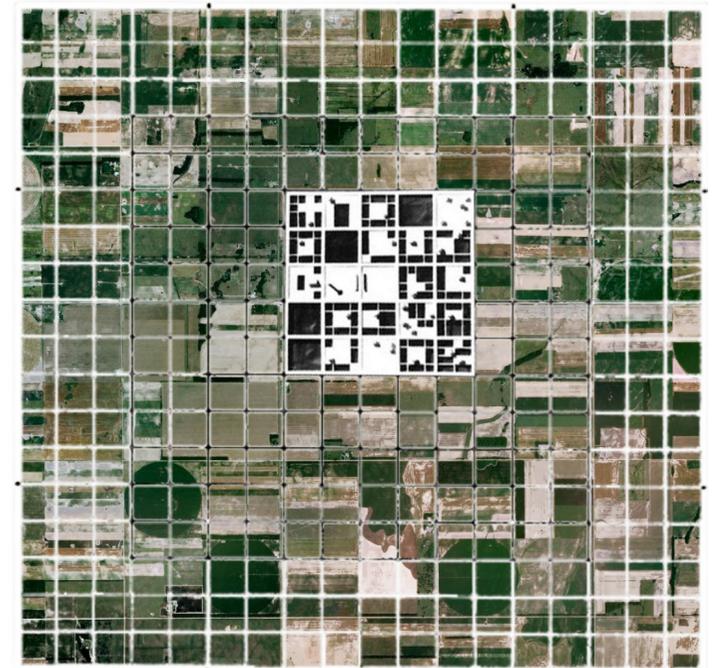


fig.06  
Experiência

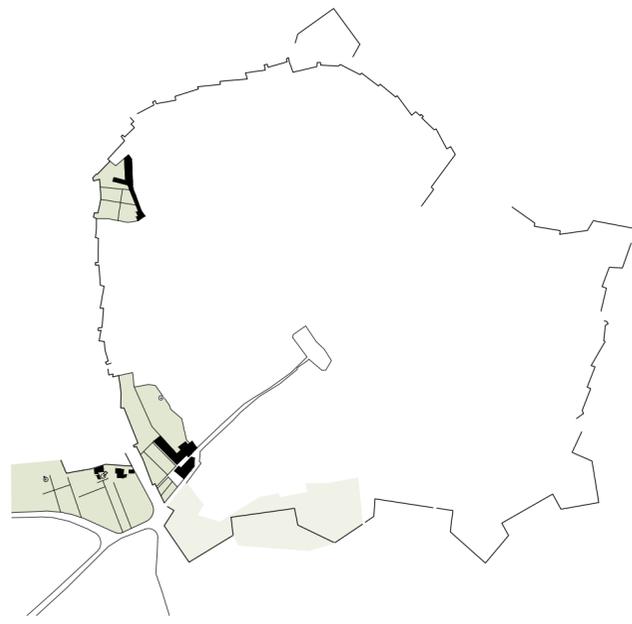
(1) KOOLHAAS, Rem; Japan Metabolism Talks; Hans Ulrich Obrist in Project; Taschen; pág 219.  
(2) Pedro Bandeira, Dulcineia Neves dos Santos e Pedro Borges Araújo; *Arquitectura em lugares comuns*; in Frank Lloyd Wright in O Urbanismo. Utopias e realidades. Uma analogia, São Paulo, prespe ctiva, 1992. (1ªedição:1965); pag.61



1882

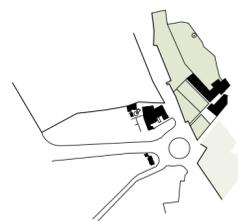
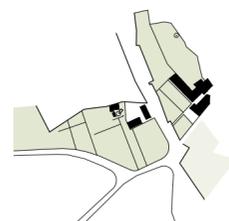
Com base na planta de Manuel Joaquim Matos "a olho e passo".

Haviam espaços de cultivo no interior da muralha e no limite desta. Sendo a antiga Horta do concelho a estrutura de prolongamento e continuação para a periferia.

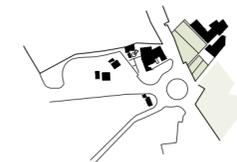


1913

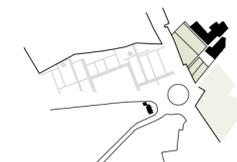
Na presente planta nota-se a alteração das estradas/ruas que convergem para a Porta do Raimundo e altera a fisionomia do local a intervir. Note-se as pré-existências de cultivo. As duas noras e alguns regadios. No interior da muralha uma cintura verde que seria a antiga horta do concelho ia do rossio às portas de Alconchel, que são actualmente o jardim público e a quinta da Palmeira.



Com o novo plano de circunvalação altera o local; espaço de cultivo. Os regadios de cultivo deixam de existir, restando apenas algumas pré existências que são tomadas em consideração.

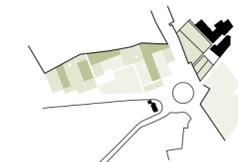


No meio do local, uma bomba de gasolina é construída.



PROPOSTA

A ideia é recuperar a essência do local. Recuperar as noras e caleiras escondidas, que em tempos seriam a única existência no local. Esses eixos inscritos no terreno, sugerem uma matriz. Um percurso pedonal interno, que contorna o pavimento alcatroado pela existência da bomba de gasolina.



PROPOSTA

Dessa matriz emerge a arquitectura onde a cultura ocupa um novo solo. A uma cota superior, a continuação de um jardim.

O SÍTIO. O LUGAR ENTRE O INTERIOR E O EXTERIOR DA MURALHA

O sítio seria aquele.

"Intramuros e contrariamente ao que aconteceu na maior parte das outras portas, parece nunca se ter formado um terreiro. Na Idade Média, quem entrasse por esta porta, encontraria, de um e outro lado, amplos terrenos cultivados. Do lado esquerdo, ficava a Palmeira que se prolongava até à porta de Alconchel. Era um terreno amplo agrícola, só inteiramente urbanizado nos finais do séc. XX. Do lado direito, estendia-se até à cerca do convento de S. Francisco, o chão Domingueiro, grande área de hortas, quintas, ferragiais de alguns lagares e culturais. (...) Não muito longe desta porta ficava a horta do concelho, tinha um poço e com uma nora, que tirava água para um chafariz publico. "

Da toponímia de Évora dos meados do séc XIV, Afonso de Carvalho, vol I, Edições Colibri

O local surge fora das muralhas, perto de uma das principais entradas para o centro da cidade, a Porta do Raimundo.

Fruto do desmembramento da cidade, um lugar esquecido mas importante na sua relação de proximidade com a muralha e com uma das principais portas de entrada para a cidade. Ainda persistem alguns elementos que o caracterizam. Uma nora, restos de muros e caleiras que demarcam a presença de um padrão regular ortogonal.

A comunidade servia-se dos espaços exteriores à muralha para cultivo e os postigos serviam como portas traseiras "da cozinha" para aceder a esses espaços.

Havia um contacto próximo com a muralha, que não era considerada como um limite, mas sim aproveitada para as necessidades de acesso.

A extensão deste local foi sendo alterada com o crescimento do cemitério da Nossa Senhora dos Remédios a construção da nova estação de autocarros determinou a descontinuidade pedonal até à mata de Sebastião. Neste local uma bomba de gasolina está implantada mesmo no centro do terreno, que acaba por dividi-lo em duas partes.

O lugar que outrora teria feito parte na continuidade da antiga horta do concelho, é actualmente um "não lugar".

Refiro-me a este "lugar" como um "não-lugar", por ter perdido a sua identidade, causado pela uniformidade da cidade. Este não-lugar é o espaço sobrance "entre" o rural e o urbano. Que agora não é nenhum dos dois. Mas sim um sítio transgênico, com as características de ambos.

Como refere Marc. Augé no livro "Não lugares, introdução a uma antropologia da sobremodernidade", estes lugares correspondem a uma relação forte entre o espaço social que caracteriza uma sociedade em transformação e que são portadoras de três dimensões: identitárias, históricas e relacionais. "Estes lugares acompanham a Modernidade e as mais recentes transformações." 1. São estes lugares que correspondem a um espaço físico mas também à forma como as pessoas se relacionam e correspondem a uma lógica funcional cuja preocupação é tornar cada vez mais rápida a movimentação na sociedade e a satisfação das suas necessidades. Quer isto dizer que as vivências de hoje em dia pressupõem um tempo rápido da relação princípio e fim. Em que o que está em causa não é o espaço "entre" mas sim o atingir o fim como principal objectivo. Por isso esta é uma relação oposta entre "estrada" é vista como um "não-lugar" em oposição ao caminho que é um lugar. Estrada distingue-se do caminho para ser percorrido de automóvel e fazer-nos chegar de um ponto ao outro. Por ser uma linha simples e por estarmos dentro de uma máquina a velocidade é mais rápida logo esse espaço é visto como um obstáculo a ser ultrapassado para se chegar rapidamente ao fim. O caminho, pelo contrário é uma homenagem ao espaço. Cada passo é sentido e convida-nos para a contemplação e permanência.

É neste sentido que a cidade se transforma, para dar respostas instantâneas às necessidades humanas.

Curiosamente os "não-lugares" surgem como infraestruturas para uma maior concentração de pessoas, mas onde estas encontram-se sós. Como é o exemplo da estação rodoviária e a bomba de gasolina existentes no local a intervir. São espaços de rotina mecanizada automáticos. Espaços estes que não são nem de permanência nem de passagem mas sim de cumprimento de uma necessidade e porque realmente servem os automóveis e não as pessoas. A implementação deste tipo de estruturas próximas do núcleo principal da cidade é muito perigoso no sentido que fragmentam o lugar onde está inserido e onde se perde a continuidade de ligação com o centro histórico.

É necessário entender o lugar como um conceito global. Uma redoma infinita e complexa de vários elementos que o caracterizam. Encerra, significados culturais que sintetizam e representam o meio que o envolve.

Cada Lugar é uma combinação simultânea entre o local e o geral, segundo Manuela Magalhães a falar de Norberg-schulz. "A "Coisa" reúne o mundo", isto é, reúne o significado de muitas coisas em simultâneo que a definem.

Esta ideia de lugar tem um papel bastante relevante que define o conceito de *Genius Loci*, que corresponde ao que o lugar é ou que quer ser.

"O lugar e o não-lugar são antes polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se consome totalmente – palimpsestos nos quais reinscreve sem cessar o jogo misto da identidade e da relação." 2

Um lugar que nasce das próprias raízes existentes, que é essencialmente a transformação de um sítio num lugar. Torna-se quase como uma reinvenção de si próprio, tentando tirar partido do que melhor se encontra nele. É este o princípio que pretende aqui ser explorado.

O lugar deixa de ter programa individual auto-subsistente como é o caso da bomba de gasolina, da oficina, do parque de estacionamento, da pequena casa operária. Para ser uma unidade global de carácter territorial, "ninguém duvida da realidade do lugar comum". Como refere Marc Augé, um lugar é também definido pelo factor social é eles que quando interpretado, dá pistas de como se deve actuar perante esse lugar, integrando-o e correspondendo ao seu contexto na cidade.

Programas de diferentes escalas, fragmentam a continuação e ligação do interior para o exterior da muralha. Analisado a uma escala global da cidade não precisam de estar situados naqueles sítio, não acrescentam em nada para uma boa organização da cidade.

O programa que será implantado e que vai substituir essas peças existentes no sítio (que fazem com que o sítio perca a sua identidade global em função da cidade), será mais do que um equipamento cultural ( pretexto para projectar algo naquele sítio) um sistema estrutural de hortas urbanas que acrescenta ao lugar um sentido comunitário, uma memória colectiva que valoriza e torna esse lugar a ser vivido e habitado para diferentes experiências.

(1) AUGÉ, Marc; Não lugares; introdução a uma antropologia da sobremodernidade, dos lugares aos não lugares; Letra Livre, 2012, pág. 70  
(2) AUGÉ, Marc; Não lugares; introdução a uma antropologia da sobremodernidade, O lugar antropológico; Letra Livre, 2012, pág. 54

#### LUGARES INTERSTICIAIS. LUGARES ESPECTANTES

Possibilidade entre a arquitectura e o cultivo

A cidade na sua origem ocupou desde sempre uma posição protagonista em relação à sua paisagem envolvente.

Assente numa topografia privilegiada, virada sobre si mesma, encerrada nos seus muros e mais tarde pelo perímetro urbano e cinturões verdes. As periferias e a sua extensão territorial na qual emerge a cidade, servia para reforçar a sua imponência destacando-a.

Este território que envolvia a cidade com hortas, campos agrícolas foi sendo cada vez mais afastada, mas ainda hoje muitas hortas permanecem entre as tramas urbanas. Assim ao longo dos tempos esta envolvente vai assumindo várias funções, muitas vezes dando lugar a espaços de carácter urbano mas sem perder o seu carácter rural. Não sendo urbano não deixa de ser cidade.

"Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços."<sup>1</sup>

No contexto do afastamento ou até mesmo do desaparecimento desses "vazios" importantes na cidade. Vazios esses que constroem cidade "...são tão concretos, individualizados e significantes e identitários como os cheios."<sup>2</sup>, porque a cidade é feita de leveza e opacidade.

Artistas como Agnes Danes e Lauren Bon, reinterpretam os "não - lugares" em cidades como Nova Iorque e Los Angeles como possíveis reencontros com o espaço rural. Em contexto de crítica fizeram das suas instalações uma possibilidade que não fica longe de ser o que poderia se tornar real.

Danes em 1983 projectou o *Wheatfield* - um confronto. Um campo de 2 hectares foi plantado no lugar de um aterro sanitário na baixa de Manhattan.

O campo foi mantido por 4 meses, foi feita a colheita que alimentou a população durante algum tempo.

Lauren Bon partiu do mesmo conceito na cidade de Los Angeles. A obra intitula-se *its not a cornfield*, "Não é um campo de milho, é uma escultura viva na forma do campo (...) que serve de metáfora poderosa para aqueles que vivem na cidade".<sup>3</sup>

Esta intervenção veio limpar cerca de 32 hectares de terrenos devolutos e trouxe para a cidade um campo de searas de milho que dariam para alimentar metade da população.

*It's not a cornfield* é uma expressão semelhante à de René Magritte quando pinta o *Ceci n'est pas une pipe* = isto não é um cachimbo. No entanto essa semelhança é apenas encontrada no título. *Ceci n'est pas une pipe* é o título de uma pintura e a sua presença apenas se encontra no campo bidimensional. Esta escultura viva de Lauren Bon, não é apenas uma escultura, é a realidade. Aprecemo-nos neste contexto o quanto a ruralidade se distanciou do homem urbano.

Resta assim um espaço renovado, contemplado pela paisagem ancestral rural e a paisagem actual, perene e urbana. Ambas as intervenções representam uma proximidade e conseqüente contraste entre a construção nítida que define o perfil da cidade densificada em contraponto com um espaço rural dentro do meio urbano.

Plantar e colher no centro da cidade, representa uma estranha realidade. É um conceito que representa os elementos de energia, comércio e proximidade com a vida rural. É neste sentido que Ribeiro Telles referenciava a necessidade da cidade precisar de se aproximar do meio rural, não distinguindo, mas sim unindo estes dois conceitos que são necessários à vida do ser humano.

"Um novo conceito de cidade deve ser pensado. (...) Em termos ecológicos, devemos partir do princípio de que a cidade e o campo são fases diferentes de um mesmo sistema: uma não pode viver sem a outra. (...) O homem do futuro, do século XXI não será rural nem urbano: será as duas coisas ao mesmo tempo sem as confundir. (...) Na cidade do futuro deve ser reintegrada a ruralidade e a agricultura, a tempo parcial e complementar, ou mesmo de determinadas especialidades. (...) Uma cidade/região, onde a ruralidade e a urbanidade estejam interligadas é fundamental para encarar o futuro".<sup>4</sup>



fig.01  
*Its Not a Cornfield*  
Lauren Bon, Los Angeles



fig.02  
*Wheatfield*  
Agnes Danes, Nova Iorque



fig.03  
*Wheatfield*  
Agnes Danes, Nova Iorque

(1) DOMINGUES, Alvaro; *Vida no Campo*, voo do arado; Equações de arquitectura, Dafne Editora, Porto 2011; pág. 15  
(2) CARAPINHA, Aurora; *Da leveza da cidade*; Monumentos 26; revista trimestral de edifícios e monumentos Abril, 2007; pág. 181  
(3) Lauren Bon, in <<http://www.notacornfield.info/art/bn.html>>  
(4) RIBEIRO TELLES, Gonçalo; in *conferência em Matosinhos*;1995



fig.01 fig.02  
Cartazes de propaganda

As hortas urbanas são uma contribuição para o espaço urbano.

Desafiam a noção convencional de espaço urbano e o desenho de como estes espaços deveriam integrar-se nas cidades.

São estes espaços que contêm uma memória e evocam o campo ou o que este terá sido. Uma paisagem humanizada ainda acessível no coração da cidade, um espaço para construir a ilusão de estar no campo e um sistema que mantém o modo de vida rural. Percebe-se que no crescimento da cidade é cada vez mais recorrente surgirem estes espaços de prática agrícola nos lugares fragmentados, abandonados nas cidades. Qualquer sítio na cidade poderá converter-se num espaço desta prática.

Por isso podemos ver estes lugares construídos em sítios que não são de ninguém. Vazios abandonados e sobrantas na cidade. Fogem a qualquer planeamento de serem integrados no tecido urbano. (fig.04)

A agricultura urbana refere-se a actividades relacionadas com a produção de alimentos na cidade e está associada à história das cidades desde a sua origem. A ausência de um sistema de transporte eficiente e de técnicas de preservação de alimentos antes da Revolução Industrial era inevitável que a população teria de produzir os seus próprios alimentos próximo de onde habitavam. Portanto, espaços construídos e não construídos existem e coabitam desde sempre.

A existência das hortas urbanas com carácter intencionalmente social surgiu pela primeira vez no início do Sec. XIX para compensar a população rural que havia migrado para a cidade.

Entre a 1ª e 2ª Guerra Mundial, época de grandes dificuldades de produção de alimentos, razões derivadas pelo êxodo rural e consequências da guerra. Surge uma resposta na forma de propaganda, lançada em Inglaterra pela Ministra da Agricultura intitulada *Dig For Victory*. (fig. 01 e 02)

*Dig for Victory*, foi o lema induzido às pessoas que fossem elas a produzir / cultivar os próprios alimentos. A população atendeu de imediato, ocupando o solo onde houvesse espaço, com o cultivo de frutas e legumes. Os jardins públicos transformaram-se em campos de cultivo, como por exemplo o *Hyde Park* em Londres. Os jardins privados e quintais em pequenas hortas. Esta resposta teve um grande impacto na paisagem e deu-se a conhecer o conceito de agricultura urbana, como alteração de um sítio em função a uma necessidade humana.

O campo voltou para a cidade.

A sociedade moderna interrompeu o diálogo com a "terra" introduzindo a noção de vazio entendido como plano abstracto da esterotomia urbana. No pós – guerra quando tudo voltou à normalidade, esses espaços foram deixados ao abandono. As pessoas não precisaram mais de auto produzir os seus alimentos para responder à escassez ou às necessidades.

Houve um abandono desses espaços vazios. Espaços intersticiais urbanos. O intersticial nega a urbanização, não é potencializado num projecto ou se torna num produto ou é rejeitado pelo campo e torna-se num espaço abandonado. O espaço intersticial evoca um lugar vago.

Algumas teorias como a de Gilles Clement, designa estes espaços como uma "terceira paisagem". Esta evoca um lugar vazio e assim devem ser mantidos, preservando a sua essência e memória. Retirando a sua funcionalidade e deixar a natureza e o tempo projectarem ao apropriarem-se desse lugar,

num habitat natural.

Essas áreas sobrantas e livres nas cidades, foram provavelmente o despertar da arquitectura moderna. Houve a necessidade de compreender esta ligação entre campo e cidade e responder através da arquitectura, o habitar desses espaços para o habitar da migração.

A interligação campo/cidade é determinada pelo aparecimento de dois novos paradigmas: espaço rural e espaço urbano. O conceito das hortas urbanas, considerado como uma ferramenta para a necessária sustentabilidade das cidades, pela reutilização de vazios urbanos e por recuperar uma memória social ancestral de relacionamento da população com a agricultura. Os CPUL'S *continuous productive urban landscape* do grupo de arquitectos Bohn e Viljoen architects, são um exemplo desse paradigma contemporâneo, de inserção da agricultura no meio urbano. Estes propõem espaços urbanos que combinam a agricultura e outros elementos de paisagem.

**O projecto não é apenas uma horta urbana, é um programa com dois tipos de culturas. Uma cultura que pretende responder às necessidades mais primitivas do homem e que o leva à sua essência [cultivo de alimentos] e que usa todos os meios de representação de uma horta urbana num jardim.**

**E uma outra cultura que o homem necessita para cultivar a sua inteligência e o seu intelecto.**

**Aqui existe na abstracção da realidade, a dualidade da realidade de si mesma.**

**A primeira reacção politicamente correcta seria tornar esses espaços vazios, com o seu próprio sistema, em jardins de contemplação e parques para actividades de lazer. A verdade é que se no significado etimológico da palavra *hortus* = jardim, esses espaços de cultivo de alimentos seriam já por natureza, jardins. Consequência dessa incompreensão é de facto esses espaços persistirem até aos dias de hoje intactos, abandonados. À espera que chegue uma época num tempo com necessidades específicas e que faça uso dele novamente.**

**Como o caso do local a intervir em Évora, que anteriormente teria feito parte da Horta do concelho, e que ao longo dos tempos foi sendo adaptada e mutilada, mas que ainda persistem algumas das pré-existências, das quais a intenção seria de integrar novamente a sua essência.**



fig.03  
Jardins urbanos Clapham Common  
1940



fig.04  
Horta doméstica, criada no prolongamento da avenida dos E. U. A., chelas, Lisboa  
José Adrião  
2007

## HORTA = JARDIM

MUSTERSIEDLUNG HEUBERG. SYSTEM LOOS.

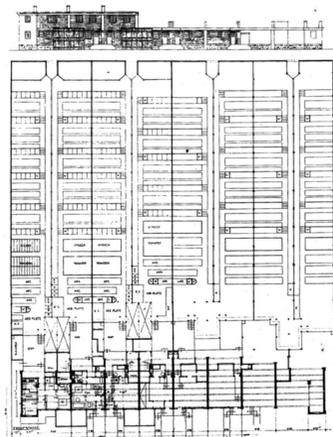


fig. 03  
Planta  
Adolf Loos  
Siedlung Huberg Viena 1922

Depois da 1ª Guerra Mundial, Viena começou a adaptar-se ao conceito de cidade-jardim, ao movimento *Siedlungen* e às hortas familiares. Os arquitectos Adolf Loos (1870-1933) e arquitecto paisagista Leberecht Migge (1881-1935) foram os que desenvolveram e realizaram o projecto de várias habitações para a população empobrecida que por consequência da Guerra teriam ficado desalojadas. Era igualmente necessário que essas habitações fossem sustentáveis, no sentido que em cada casa teria um jardim limitado por um muro que serviria como um jardim de cultivo. Para eles o jardim seria o mais importante.

"Il giardino.

"Cominciamo dal giardino. Il giardino è la cosa più importante, la casa è secondaria.

Il giardino dovrà essere naturalmente il giardino più moderno.

Deve essere il più piccolo possibile, 200 metri quadrati sono il massimo che un Siedler riesca a coltivare.

Se il giardino misura soltanto 150 metri quadrati, tanto meglio, perché quanto più grande è il giardino, tanto più irrazionali e antiquati sono i metodi impiegati per coltivarlo; quanto più il giardino sarà piccolo, tanto più moderni ed economici saranno i metodi di coltivazione. Il giardino grande è il nemico di ogni progresso nell'agricoltura."<sup>(1)</sup>

Ajudando na subsistência dos seus habitantes e numa redescoberta do espaço rural como parte da cidade e a horta como material urbano, a invenção de uma nova cidade, como escreve Leberecht Migge no *Grünes Manifest* (Manifesto Verde)

"(...) "La vecchia città dei vecchi cittadini tedeschi è morta, morta, morta! (...)

La vecchia idea era città. Viva l'idea nuova. L'idea generale del XX secolo: "Campagna! (...)

Chi salva la città? La campagna salva la città.

Creiamo la città-campagna!

Le città devono cingere la loro campagna.(...)

Plantiamo: Giardini in affitto – per chi abita in città

Plantiamo! (...)"<sup>(2)</sup>

Leberecht Migge já teria experimentado pôr em prática esta visão comunitária rural no jardim experimental de *Sonnenhof*. Mais do que um dos seus jardins românticos anteriormente desenvolvidos, ele começou por explorar o jardim de uma outra maneira que iria tornar-se num sistema bem sucedido a ser aplicado nas habitações *Siedlung*.

Este jardim seria uma combinação prática e perfeita entre a produção de alimentos hortícolas e frutícola contextualizados no seu ambiente com o prazer de experienciar o jardim na sua mais bela composição.

Estes objectivos foram concretizados em *Sonnenhof* que Leberecht descreve um simples jardim produtivo em três patamares, que mesmo pela diferença de níveis e à interrupção espacial permanece a continuidade visual, através do qual conseguimos ver as cores combinadas e quase sentir os aromas.

"(...)On the ground floor there are strawberries accompanied by bulbs, roses and one year plants.

(...) the second floor has glosberry and red currant bushes and, in the third zone, cherry and apple trees unfold their branches heavy with blossom and fruit."<sup>(3)</sup>

Migge negou a distinção entre as plantas dedicadas à contemplação daquelas que são comestíveis. Para ele não haveria a diferença entre uma planta ornamento de uma planta comestível.

"The existence and life of all plants are the same time both useful and beautiful: there are no "un-beautiful plants" consequently, there is no such thing as a utility garden as rhythmically opposed to an "ornamental garden". Such a distinction can only be made for functional purposes and even then hardly ever justified. No one call even the most rationally planned vegetable garden "ugly", rather, they may call it "prosaic" or, more precisely, "practical" and consequently beautiful."<sup>(4)</sup>

É precisamente esta sensibilidade e esta compreensão entre as diferentes escalas; casa e paisagem, que oferecem a oportunidade para o indivíduo urbano não só cultivar, mas para fazer dele um jardim.

"Every modern city dweller is a farmer, every modern farmer is a city dweller".<sup>(5)</sup>

**A integração das hortas urbanas na densidade da urbe como percurso contínuo, permite que esse conceito seja tratado como um jardim e não apenas como cultivo agrícola.**

**Teria a vantagem de servir a sociedade a duas escalas.**

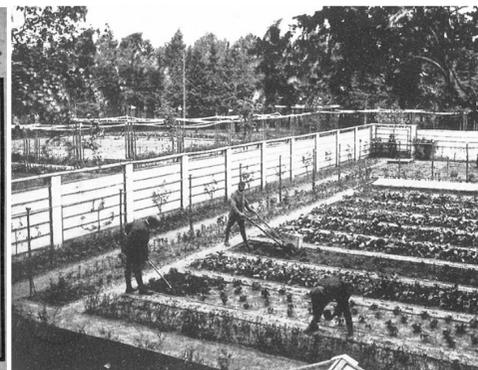
**Uma que seria um contributo para o público que habita, passeia pela cidade e que contempla e desfruta do percurso. "Um jardim surge-nos como um banquete para os sentidos, onde tudo é concebido e agradável à vista, ao olfacto, ao tacto, ao paladar, e ao ouvido."<sup>(6)</sup>**

**E a uma escala mais próxima e individual, que se destinaria a quem quisesse produzir os seus alimentos, flores, ervas aromáticas, etc. Como "Nos jardins carolíngios onde estão presentes essencialmente plantas alimentares, condimentares e medicinais(...)"<sup>(7)</sup>**

**Uma cidade, um jardim, 2 culturas.**



01  
"The cover of Everyman Self Sufficient"  
Capa da revista todos os homens são autosuficientes  
Leberecht Migge 1918



02  
Self-sufficient garden for one family, 1925. Leberecht Migge  
Adolf Loos: Works & Projects



fig. 04  
Fotografia  
Siedlung Huberg Viena 1922

(1) Tradução livre

O jardim.

Comecemos pelo jardim. O jardim é a coisa mais importante. A casa é secundária.

O jardim deverá ser naturalmente um jardim moderno. Deve ser o mais pequeno possível, 200m2 são o máximo que um "proprietário" pode cultivar. Se o jardim medir 150m2, melhor ainda, porque quanto maior for o jardim, mais irracional e antiquado são os métodos para cultivá-lo. Quanto mais pequeno o jardim for, mais moderno e económico são os métodos de cultivo. O jardim grande é inimigo do progresso da agricultura."

LOOS, Adolf; BOCK, Ralf; *Opere e progetti*; Skira, 2007, pág.94

(2) Tradução livre

"(...) A velha cidade Alemã está morta, morta, morta! (...)

A velha ideia era cidade. Viva a ideia nova. A ideia geral do sécXX: O campo! (...)

Quem salva a cidade? O campo salva a cidade

Acreditamos na Cidade-Campo.

As cidades devem cingir-se ao campo. (...)

Plantemos: para quem vive na cidade

Plantemos! (...)"

LOOS, Adolf; BOCK, Ralf; *Opere e progetti*; Skira, 2007, pág.95

(3) Tradução livre

"No 1º patamar estão os morangos, acompanhados com bolbos e rosas. O 2º patamar estavam os arbustos e no último patamar as maceiras e as cerejeiras".

GRAFE, Christoph; *Domestic nature; Leberecht gardening and Garden Art*, OASE #56, Architecture Journal, 2001, pág.76

(4) Tradução livre

"A existência de todas as plantas são ao mesmo tempo, precisas e bonitas: Não existem, flores e plantas não bonitas, como também não existe oposição aos jardins ornamentais. Essas distinções podem ser feitas para propósitos específicos e por vezes nunca justificadas. Ninguém deve chamar feio ao jardim de cultivo. Podem talvez passar chamar de prosaico ou mais precisamente pratico e consequentemente lindo."

GRAFE, Christoph; *Domestic nature; Leberecht Migge wonder gardens raisins from Manure*, OASE #56, Architecture Journal, 2001, pág.76

(5) Tradução livre

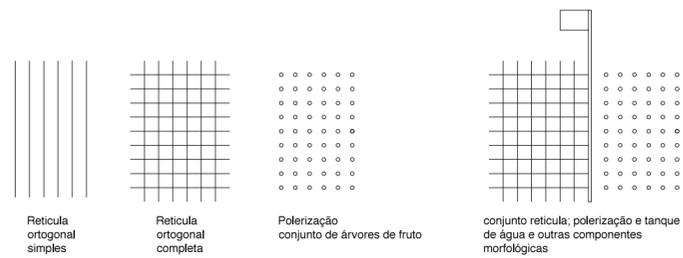
"Todo o homem moderno é um agricultor e todo o agricultor é um homem moderno"

GRAFE, Christoph; *Domestic nature; Leberecht Migge wonder gardens raisins from Manure*, OASE #56, Architecture Journal, 2001, pág.76

(6) CARAPINHA, Aurora ; *Da Essência do jardim Português*; Tese de Mestrado, Universidade de Évora; Vol.1, 1995; pág.176

(7) *Ibidem*; pág.182

COMPONENTES MORFOLOGICOS DO MEIO RURAL



"Gher, ghort, hortus, horto e huerto [espaços fechados onde existe a prática de cultura intensiva de verduras ou outros. Gard, Geard, Yard, Gart, Jardim, Garden e Garten [recinto de cultivo]. Logo hortos e jardim exprime assim na sua origem a mesma realidade" (1)

A função das hortas está presente desde sempre, necessários para a produção alimentar e indispensável à vida da cidade, actualmente com outras definições interligadas com o seu carácter e que correspondem e se adaptam ao estilo de vida do homem cada vez mais urbano.

Existe uma cumplicidade etimológica entre o significado horta | jardim, as hortas não eram simplesmente espaços de cultivo, mas também lugares íntimos e privados de divertimento, quietude e repouso, terapêutico de e algum modo, envolvia a atmosfera num inúmero conjunto de sensações provocadas pelos elementos naturais da própria fauna e flora.

"As quintas, constituíam pequenos mundos onde as necessidades do utilitário se ligavam ao prazer de viver e ao prestígio social" (1) de alguma complexidade tipológica que testemunharam história registada num tempo.

A organização desta tipologia deriva do meio rural e situavam-se estrategicamente na periferia da urbe. As quintas surgem como realidades urbanas.

Na cidade de Évora esse facto é notável, para além de haverem hortas dentro das muralhas, permitidas pela organização urbana, surgem também no exterior das muralhas. Os postigos ainda existentes na Muralha de Évora, serviam-se como portas traseiras da cozinha para colher os legumes necessários para o dia-a-dia.

Por esse motivo podermo-nos regalar com os fragmentos ou parcelas de diferentes tonalidades de uma paleta sem fim, dando a continuação a uma paisagem.

A organização de uma horta advém de razões práticas e funcionais em relação ao cultivo e a colheita. Estas, organizavam-se em retículas regulares ortogonais repetidamente divididas em sucessão. Inscremem-se no terreno como se de uma "manta de retalhos" se tratasse.

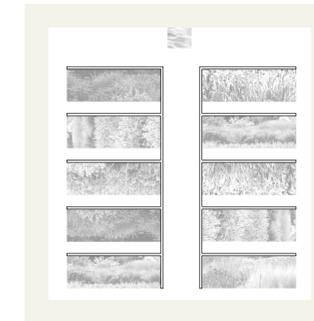
No entanto estes compartimentos não são estáticos, vão sendo consequentemente alterados conforme a sua prática e tipo de cultivo reagindo à sua natureza. São lugares que ostentam múltiplas sensações.

Os aromas dos diferentes tipos de árvores de fruto, ervas aromáticas que nos conduzem por caminhos entre as linhas geométricas dos padrões regrados. Estes aromas alteram-se com a passagem das diferentes estações do ano e o mesmo acontece com a diferenciação de cenários a que este tipo de paisagem rural se dispõe.

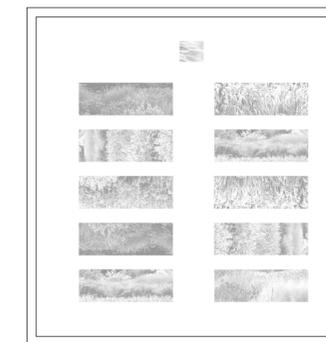
Os diferentes perfumes invadem a nossa atmosfera e ressaltam-nos de memórias vividas. Os sons silenciosos, acalmam-nos a alma. A água nas caleiras, a fauna que visita e nos encanta com as suas melodias. O som das brisas entre as diferentes folhagens. A luz e sombra, que nos alteram e constroem diferentes espaços. São sinónimos de um lugar de calma e alegria. Um lugar em contacto com o ser humano urbano, que proporciona momentos e sensações que deveriam ser promovidos mais vezes por nós e estarem presentes na nossa vida.

3 figuras estilizadas

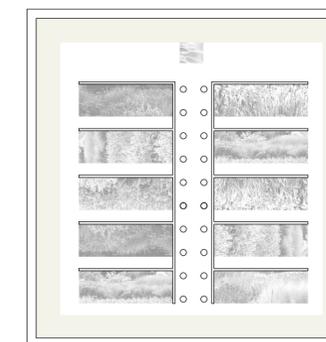
Representação esquemática das diferentes métodos de construção e tipológicos das hortas



PLANTA  
constituição da horta no seu limite com vegetação



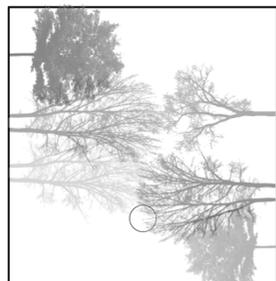
PLANTA  
constituição da horta no seu limite com muro



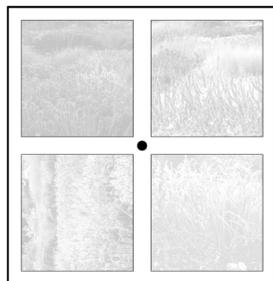
PLANTA  
Complexidade final. Junção de todos os elementos  
árvores de fruto  
elemento água  
limitado pelo muro e vegetação densa

(1) CARAPINHA, Aurora; *Da Leveza da Cidade*; Revista semestral de edifícios e monumentos; nº26 ; 2007 ; pág. 182

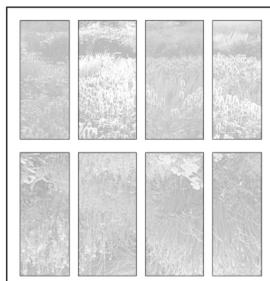
Esquema dos 3 tipos de  
*Hortus Conclusus*



**1 “HORTUS LUDI”**  
Jardim lúdico



**2 “HORTUS CONTEMPLATIONIS”**  
Abstracção do espaço



**3 “HORTUS CATALOGI”**  
Organização do espaço

*We come from nature and we return to nature, we are conceived and born; we live and died; we rot or burn and vanish into the earth. I rarely thought about such things when I was young. Now I do. I see great cycle and I am part of it. For a little while I am here. I did not exist, before my time and I will no longer exist after my time. But in my time, I belong to the process of life on this planet; for a little while I am part of the organism of human beings, animals and plants that exists on this planet and that passes life on.*<sup>(1)</sup>

O *Hortus Conclusus* é um *room with no ceiling*<sup>(2)</sup>.

Um espaço cercado onde são cultivados variedade de plantas como as ervas aromáticas e vegetais, que crescem naturalmente criando um pequeno mundo, um novo habitat num contexto próprio.

Surge na Idade Média três conceitos derivados do *Hortus Conclusus*.

O *hortus ludi*, *hortus contemplationis* e o *hortus catalogi*, sensivelmente distinguidos pela sua função e tipologia. O sentido para a construção ou desenho destes espaços estavam relacionados não apenas pela sua necessidade mas também com simbolismos e crenças religiosas que faziam todo o sentido num contexto temporal e espacial. Cristalizaram-se nos mosteiros, conventos e cidades, até aos dias de hoje. Igualmente construídos noutros sítios provavelmente mais expostos mas que albergam a mesma função.

O *Hortus Ludi* (ver imagem 1) é o típico jardim de prazeres. Entendido como espaço lúdico, é um jardim de estar e de convívio.

O *Hortus contemplationis* (ver imagem 2) eram desenhados na maior parte das vezes, para os mosteiros e conventos. As paredes que limitavam o “quarto” são as próprias paredes do mosteiro. Estes espaços dedicados à contemplação eram circundados, por uma galeria ou claustro onde o céu era o seu único respiro. Sendo os mosteiros e conventos espaços dedicados à clausura, os *hortus conclusus*, para além de servirem as suas necessidades programáticas e tipológicas, eram essencialmente espaços que faziam respirar toda a massa construída onde os monges poderiam garantir a sua auto-subsistência.

“Existe uma utopia encapsulada no *hortus conclusus*. A tentação de criar um paraíso na terra”.<sup>(3)</sup>

*Hortus Catalogi* (ver imagem 3) é a tipologia que numa maior escala aproxima-se da horta na inserção urbana.

É um jardim em que a sua estrutura consiste num conjunto de divisões. A medida e proporção é distinguida entre espécies. Inclui várias espécies de plantas, ervas aromáticas e vegetais, contidos numa malha ortogonal. O *hortus catalogi* é considerado o jardim ideal. Metade *hortus ludi*, metade *catalogi*, onde as plantas e o cultivo são os protagonistas do espaço. Cada um tem o seu lugar. São para serem contempladas mas também consumidas quando produto final.

Esta tipologia era organizada segundo um eixo direccionado até à entrada. Em cada “quarto”= espaço haviam entre oito “camas”= lotes com cerca de 150cm de largura e o dobro de comprimento, para poder ser cultivado e mantido à mão. Tem sido alterado ao longo dos tempos sujeitando-se às modificações e adaptações do homem em relação ao seu espaço. Por isso podemos ver *hortus*, nos quintais ou em espaços mais amplos onde as pessoas delimitam o seu próprio espaço de cultivo.

Continuam a existir esses pequenos *habitats* que se acomodam aos diferentes espaços que o homem proporciona.

Neste sentido percebe-se que estes espaços são também limites construídos e não espaços vazios. São espaços que estão subjacentes à construção daquilo que consideramos arquitectura. São como caixas “vazias” onde acontece de tudo. Nesse “vazio” existe uma pulsação, um ambiente que respira e renova a todo o momento.

A cultura é a medida da Natureza.

O *Hortus Conclusus* é a enclausura de um pedaço de paisagem/natureza. É a apropriação de um espaço que pretende ser nosso.

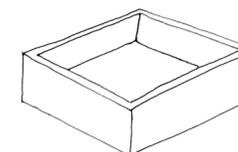
A partir daí torna-se num espaço habitado, segundo outras condições que fundamentalmente não estão na natureza, pois é agora tratado pelo homem, que faz dele a sua apropriação.

A proporção e a medida deste espaço fechado podemos dizer que “ (...) a cultura é a Natureza, já medida, encaixotada.”<sup>(4)</sup>

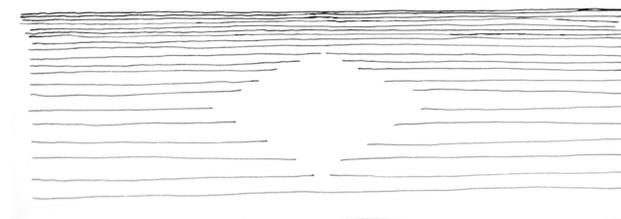
**É o conjunto destas três tipologias e espaços que se pretende no projecto. Existentes num conjunto de carácter unitário mas distinguido por várias parcelas, limitadas pelas paredes, muros e caleiras onde acontecem estes espaços especiais, distinguidos de cada um e que se vão alterando com o tempo.**



CÉU



LIMITE



SOLO

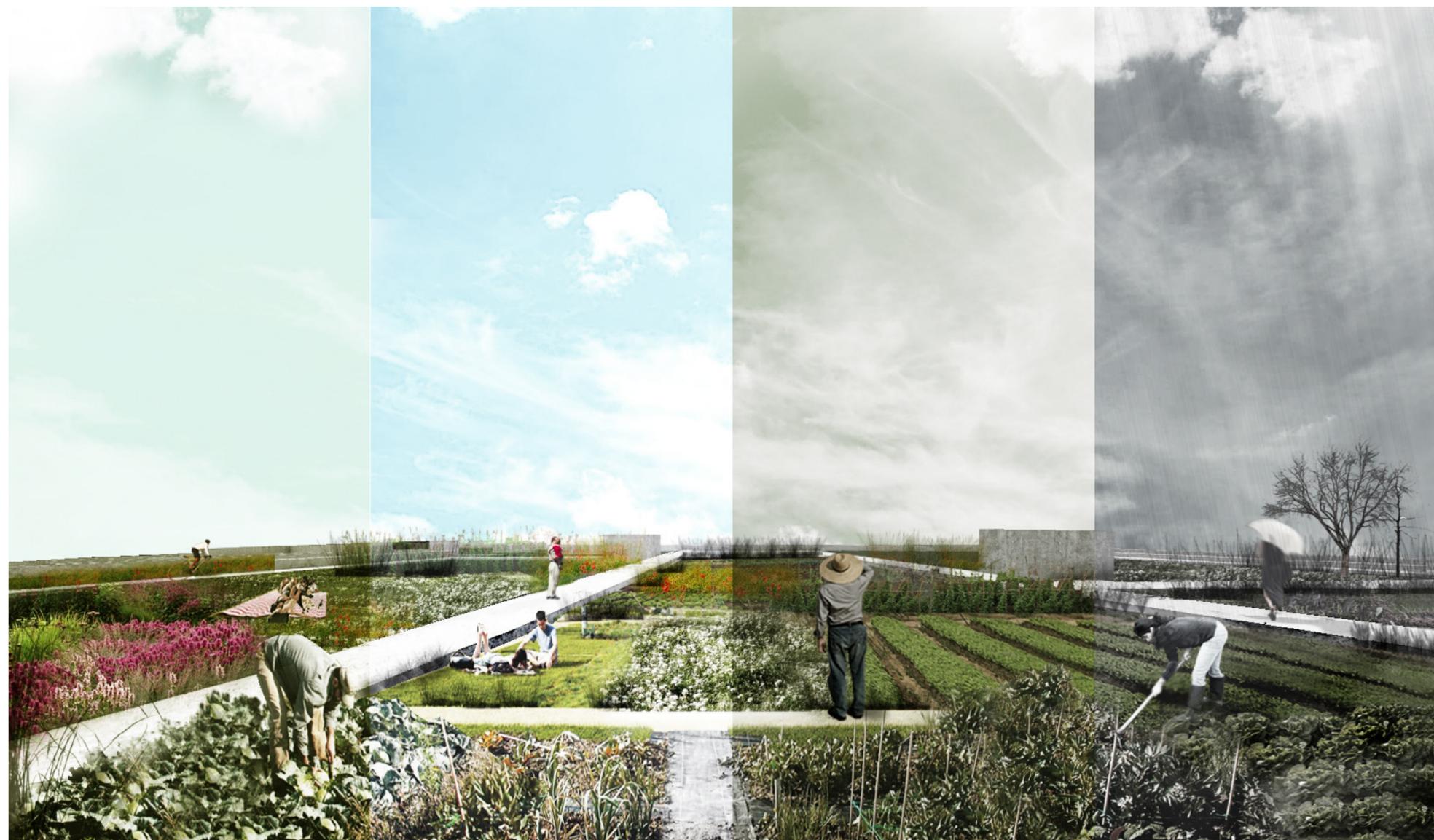
fig. 01  
Esquema de *Hortus Conclusus*  
**ROOM WITHOUT CEILING**  
*In Enclosed Garden*

(1)  
Tradução Livre  
“Nós vimos da Natureza e para ela retomamos, somos concebidos e nascemos. Vivemos e morremos. Desabrochamos e desaparecemos da terra. Eu raramente pensei sobre isso quando era mais novo. Agora penso. Vejo um grande ciclo do qual faço parte. Por pouco tempo estive aqui. Eu não existia antes do meu tempo e não vou existir após o meu tempo. Mas enquanto aqui estiver, eu pertenceo ao processo da vida deste planeta. Por pouco tempo faço parte de um organismo de seres humanos, animais e plantas que existem neste planeta.”  
ZUMTHOR, Peter; *Hortus conclusus*; Serpentine Gallery Pavilion, 2011

(2) ABEN, Rob; DE WITT, Saskia; *Enclosed garden; History development of the Hortus Conclusus and it's Reintroduction into the present day urban landscape*; pág. 143

(3) ABEN, Rob; DE WITT, Saskia; *Enclosed garden; History development of the Hortus Conclusus and it's Reintroduction into the present day urban landscape*; pág. 143

(4) TAVARES, Gonçalo M.; *Arquitectura, Natureza e Amor*, Opusculo 14 (pequenas construções literárias sobre arquitectura), Dafne Editora, 2008, pág.03



PRIMAVERA

VERÃO

OUTONO

INVERNO

A cobertura age como um *hortus conclusus*, encerrada pelo muro, define os limites dos diferentes talhões.

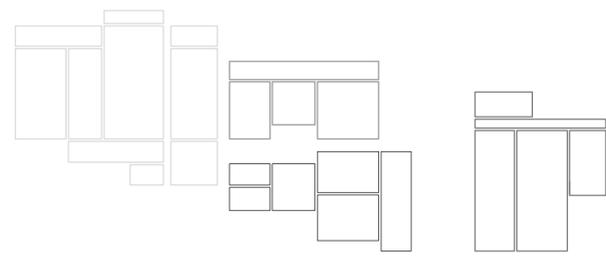
A espessura da cobertura varia consoante a espessura vegetal e isso influencia o tipo de vegetação a ser cultivado na cobertura e a variação do pé direito no interior.

Esta regra imposta na estrutura, define o desenho regrado do jardim, que é composto por plantas comestíveis e não comestíveis.

São esses elementos vegetais que compõem o jardim hortícola.

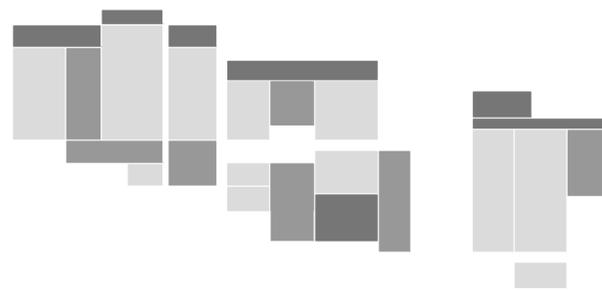
Neste jardim, para além das diferenças sazonais que alteram o jardim de uma forma dinâmica e viva, existem mais dois tempos.

Um tempo que altera o jardim todos os dias, dado pela manutenção das plantas comestíveis que compõem o desenho geométrico regrado do jardim, e um outro tempo dado pelas plantas autocones e não comestíveis que marcam a sua presença no jardim, definindo uma fuga à regra de cultivo.



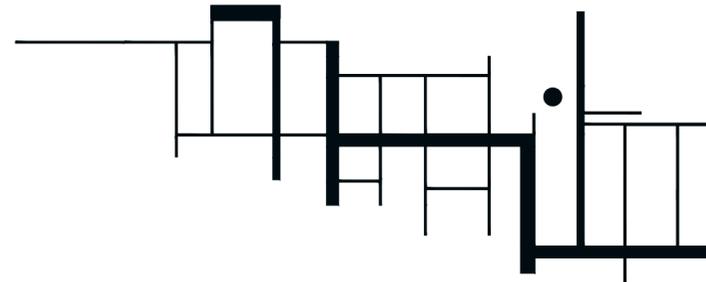
**PROGRAMA**

- BIBLIOTECA
- ESCOLA DE DANÇA
- EXPOSIÇÃO
- AUDITÓRIO



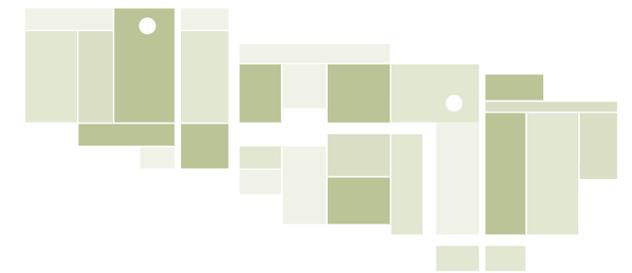
**ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS**

- ZONA TÉCNICAS
- ESPAÇOS
- RECEPÇÃO
- CAFÉ



**REPRESENTAÇÃO DOS VAZIOS**

- Percurso pedonal
- Percurso das caleiras



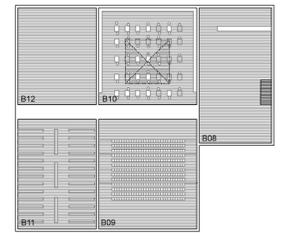
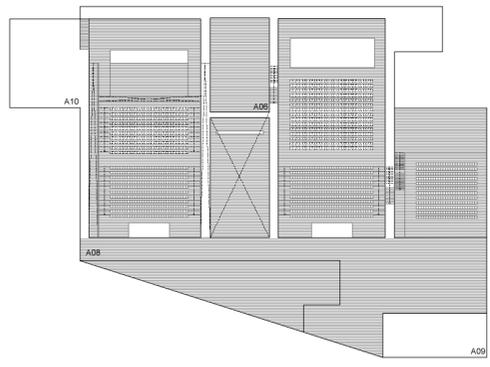
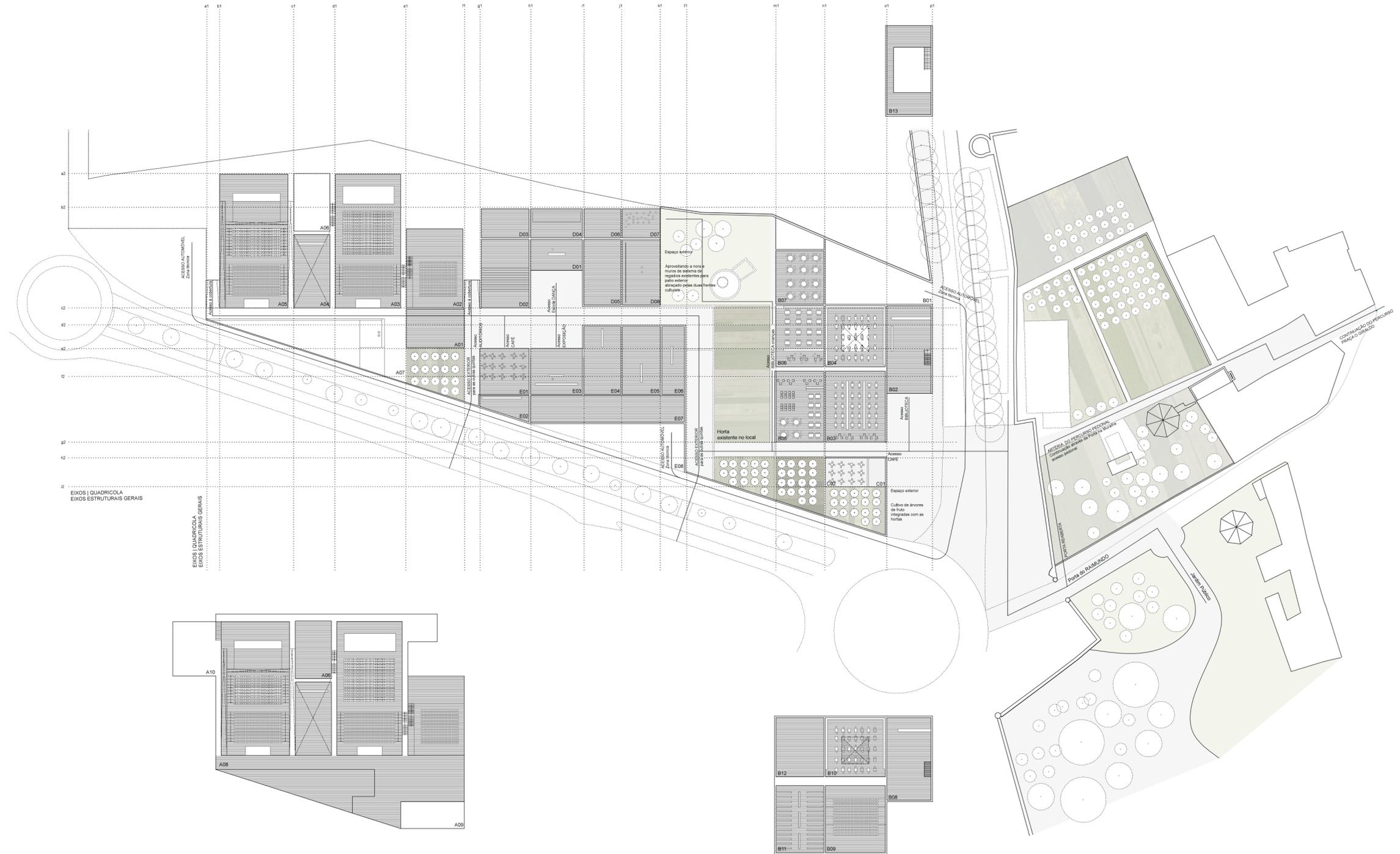
**REPRESENTAÇÃO DAS HORTAS**

- Cobertura agrícola
- Horta Existente

COTA 6

COTA 0

COTA -5



**Núcleo A . AUDITÓRIOS**

- A01 Recepção Bengaleiro 200 m2.
- A02 Auditório1. Cinema 400 m2
- A03 Auditório2 1000 m2
- A04 Escritório | direcção 47 m2
- A05 Auditório3 700 m2
- A06 Zona de estar 80 m2
- A07 Acesso ao piso de baixo
- A08 Foyer 300 m2
- A09 I.S 80 m2
- A10 Acesso exterior à zona técnica

**Núcleo B . BIBLIOTECA**

- B01 Zona de descargas | zona técnica
- B02 Atiro | Recepção 200 m2
- B03 Sala de leitura
- B04 Sala de recolha de livros
- B05 Zona de trabalho colectivo | sala audiovisual 370 m2
- B06 Zona de leitura juvenil 300 m2
- B07 Zona de leitura crianças 300 m2
- B08 Arquivo | Recepção 200 m2
- B09 Sala de Conferências 400 m2
- B10 Zona de leitura | arquivo 400 m2
- B11 Depósito | arquivo 370 m2
- B12 Direcção 550 m2
- B13 Acesso à cobertura

**Núcleo C . CAFÉ**

- C1 Cozinha 40 m2
- C2 Café 120 m2

**Núcleo D . DANÇA**

- D01 Recepção 150 m2
- D02 Sala principal 300 m2
- D03 Escritório 50 m2
- D04 I.S. | Banheiros 77 m2
- D05 Sala de dança 150 m2
- D06 Sala de dança 59 m2
- D07 Sala de dança 50 m2
- D08 Sala de dança 200 m2

**Núcleo E . EXPOSIÇÃO**

- E01 Cafe | bar 300 m2
- E02 Cozinha 40 m2
- E03 Recepção | Back office 200 m2
- E04 Sala 1 300 m2
- E05 Sala 2 300 m2
- E06 Sala 3 150 m2
- E07.E08 Zona de cargas e descargas 200 m2





As presentes imagens simbolizam de forma abstracta as acções ou actividades realizadas nos diferentes espaços propostos.

